



ESTRATÉGIAS DO DESENHO UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Gabrielle Lenz da Silva ¹
Sígla Pimentel Höher Camargo ²

RESUMO

Falar de inclusão sem levar em consideração as condições em que os alunos estão dentro da sala de aula o que os alunos recebem dos professores e demais profissionais para que alcancem o sucesso acadêmico, é cair nas mesmas mazelas dos tempos passados, em que o aluno estava na sala de aula, mas recebia o mesmo que todos os outros, não levando em consideração suas características e dificuldades. Inclusão diz respeito ao acesso, permanência e desenvolvimento acadêmico de todos os estudantes, com ou sem deficiência, levando em consideração suas especificidades. Para que a inclusão de fato aconteça, deve se lutar pela equidade no ensino, que é pensar e executar formas diferenciadas de planejamento, métodos, atividades e avaliações, para que as barreiras do aprendizado de conteúdos acadêmicos sejam eliminadas. Ligada ao conceito de equidade está o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), que é uma abordagem curricular que tem como objetivo o desenvolvimento e planejamento de práticas de ensino que possibilitem todos os alunos, com suas especificidades, diferenças culturais e sociais, bem como modos diferenciados de aprender, o acesso ao currículo, a participação em todas as atividades e o progresso acadêmico, independentemente de suas limitações e capacidades. Na literatura existem algumas estratégias que vão ao encontro dos conceitos do DUA. O presente trabalho tem como objetivo discorrer sobre os conceitos de desenho universal para a aprendizagem (DUA), apresentar estratégias e possíveis práticas do DUA na escola, relacionando-as com o conceito de equidade no ensino.

Palavras-chave: Inclusão escolar, equidade, desenho universal para a aprendizagem, inteligências múltiplas, estratégias.

INTRODUÇÃO

A inclusão escolar, no Brasil, começou a ficar mais em evidência a partir das Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001). Este documento tinha como objetivo explicar aos gestores, professores e responsáveis pela educação de modo geral qual era a função da educação especial na educação básica, explicando em seu texto as funções legais e práticas dessa modalidade de ensino, assegurando-a na rede básica e salas de aula regulares. Com o debate internacional e nacional sobre a inclusão escolar de estudantes

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em educação da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, gabelenz@hotmail.com;

² Professora doutora do programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, sigliahoher@yahoo.com.br.



com NEE, o Brasil assinou em 2008 a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, um grande marco histórico e legislativo nacional no que se refere ao acesso e direitos universais à educação. Esta política orienta as instituições de ensino a respeito da inserção incondicional de todos os alunos, para que assim promovam estratégias para atender às necessidades educacionais de cada estudante e, também, visa reforçar os direitos à uma educação inclusiva legalmente prevista e até então não consolidada (ALMEIDA, 2008; FREITAS, 2008). Recentemente foi sancionada o Estatuto da Pessoa com Deficiência (2015), no qual se reforça o direito incondicional, dos indivíduos com deficiência, à saúde, previdência social, ao trabalho e à inclusão escolar.

Para falarmos em inclusão escolar de alunos com deficiência temos que ter em mente o conceito desta expressão. Ela diz respeito ao acesso, permanência e desenvolvimento acadêmico de todos os estudantes, com ou sem deficiência, levando em consideração suas especificidades. Quando falamos de inclusão escolar, falamos de uma reorganização física, atitudinal e de paradigmas da instituição de ensino, na qual esta se reestrutura, se modifica para receber e ensinar a todos os seus alunos (TANNÚS-VALADÃO E MENDES, 2018). Segundo Glat, Pletsch e Fonte (2007),

Educação Inclusiva não consiste apenas em matricular o aluno com deficiência em escola ou turma regular como um espaço de convivência para desenvolver sua 'socialização'. A inclusão escolar só é significativa se proporcionar o ingresso e permanência do aluno na escola com aproveitamento acadêmico, e isso só ocorrerá a partir da atenção às suas peculiaridades de aprendizagem e desenvolvimento. (GLAT, PLETSCH E FONTE, p. 335, 2007)

Para que a inclusão seja efetivada na escola, é preciso que as necessidades educacionais específicas dos alunos com deficiência sejam atendidas e para isto é necessário que os professores modifiquem sua concepção e prática pedagógica, a qual está moldada para uma turma de caráter homogêneo. Surge a necessidade e urgência de se pensar formas diferenciadas de planejamento, métodos, atividades e avaliações, para que as barreiras do aprendizado de conteúdos acadêmicos sejam eliminadas (REDIG, MASCARO E DUTRA, 2017).

Mendes, Silva e Pletsch (p. 259, 2011) apontam que para que haja a efetiva inclusão escolar, primeiramente não se pode apresentar um currículo diferente ao aluno com deficiência, nem mesmo somente oferecer o mesmo currículo dos demais estudantes da mesma forma para todos. É necessário, acima de tudo, disponibilizar meios para que o aluno com necessidades educacionais especiais (NEE) tenha acesso ao mesmo conhecimento dos demais alunos, é



modificar as práticas, metodologias e recursos de ensino para que todos aprendam juntos. A escola é o principal espaço de aprendizagem no qual as crianças aprendem determinados conteúdos e acessam inúmeros conhecimentos, então se não forem trabalhados na escola, provavelmente não serão oferecidos em nenhum outro espaço. Uma proposta de reorganização curricular que vem ao encontro dessa equidade no ensino é o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), que “consiste na elaboração de estratégias para acessibilidade de todos, tanto em termos físicos quanto em termos de serviços, produtos e soluções educacionais para que todos possam aprender sem barreiras” (ZERBATO; MENDES, p. 152, 2018).

Pensando em uma escola de fato inclusiva, o presente trabalho tem como objetivo discorrer sobre os conceitos de desenho universal para a aprendizagem (DUA), apresentar estratégias e possíveis práticas do DUA na escola, relacionando-as com o conceito de equidade no ensino.

DESENHO UNIVERSAL PARA APRENDIZAGEM

A partir da necessidade de se pensar formas de transformar a escola em, de fato, um ambiente inclusivo, pensando não só na acessibilidade física, mas também intelectual dos alunos, no qual todos os alunos teriam acesso ao conteúdo e conhecimentos acadêmicos presentes no mesmo currículo, David Rose, Anne Meyer e outros pesquisadores do Center for Applied Special Technology (CAST) desenvolveram, em 1999, o conceito de Universal Designer for Learning (UDL) – no Brasil denominado Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) (ZERBATO; MENDES, 2018). O DUA tem como objetivo o desenvolvimento e planejamento de práticas de ensino que possibilitem todos os alunos, com suas especificidades, diferenças culturais e sociais, bem como modos diferenciados de aprender, o acesso ao currículo, a participação em todas as atividades e o progresso acadêmico, independentemente de suas limitações e capacidades (NUNES; MADUREIRA, 2015).

Segundo Bock, Gesser e Nuernberg (2018) a ideia de universalidade presente no DUA diz respeito aos currículos, materiais, recursos e formas de avaliação que devem ser pensados e elaborados para atender a maior variedade possível de estilos de aprendizagem, bem como as preferências e necessidades dos alunos. “O DUA amplia o conceito de acessibilidade a espaços, objetos e ferramentas para apresentar um desenho didático que norteia o professor para a organização do ensino em uma perspectiva inclusiva que perpassa pela flexibilidade do currículo e acesso à aprendizagem” (VITALIANO; PRAIS; SANTOS, p. 807, 2019). Quando



os autores citados anteriormente utilizam a ideia de flexibilidade do currículo não querem dizer que esse currículo será flexível com uma ideia de empobrecimento, mas sim que serão flexibilizadas as formas de acesso ao currículo, para que todos aprendam os mesmos conteúdos, só que de maneiras diferenciadas, bem como seu aprendizado será avaliado da maneira que melhor expressar esse conhecimento.

O Desenho Universal para a aprendizagem é uma “abordagem curricular” (NUNES; MADUREIRA, p. 140, 2015) que auxilia os professores a planejarem formas e materiais de ensino que vão ao encontro das necessidades dos diversos alunos; transpõe os obstáculos que os alunos apresentam no processo de aprendizagem; torna o acesso ao currículo mais flexível, com diversas formas de ensinar às diversas formas de aprender; faz com que a necessidade de realizar adaptações curriculares individualizadas sejam diminuídas, pois o planejamento de ensino terá variadas formas de ensinar o mesmo conteúdo, tornando, de fato, a escola um ambiente inclusivo. No DUA, bem como no conceito bruto de inclusão escolar, entende-se e respeita-se que cada aluno é único, tem sua forma de vivenciar as aprendizagens, bem como relacioná-las ao seu contexto sociocultural. Devido a isto o DUA tem como princípios norteadores do planejamento (ZERBATO; MENDES, 2018; PRAIS; ROSA, 2016; NUNES; MADUREIRA, 2015):

I – Múltiplos meios de envolvimento: Por meio das redes afetivas, deve-se pensar diferentes formas de estimular o interesse dos alunos pela aprendizagem. Isto pode acontecer através de desafios e motivação, demonstrando *o porquê* da aprendizagem. Neste princípio leva-se em consideração o contexto social e econômico em que o aluno está.

II- Múltiplos meios de representação: Através de redes de reconhecimento, planeja-se e desenvolve-se múltiplas formas de apresentar o conteúdo, bem como *o quê* deste é essencial para a aprendizagem, tornando-o acessível a todos os alunos. Utiliza-se as diversas formas de aprender, como a maneira visual, auditiva e sinestésica.

III – Múltiplos meios de ação e expressão: São as redes estratégicas que demonstram o *como* da aprendizagem. A forma de avaliar o conhecimento que o aluno adquiriu e/ou aprimorou durante os processos de ensino/aprendizagem também é variado, sendo de acordo com a maneira de expressão de cada um. Diversas pessoas se expressam melhor de alguma forma, seja falando, escrevendo, encenando, etc.

Os princípios do DUA possibilitam pensar um planejamento de ensino que contemple a diversidade presente na sala de aula, considerando *o porquê* estes alunos aprendem, *o que* os



alunos aprendem, *como* estes alunos compreendem essas novas informações dos conteúdos. Conforme Pletsch, Souza e Orleans (2017), os princípios do DUA, quando aplicados, garantem não somente o acesso ao currículo, mas também a aprendizagem dos alunos e sua participação em todo o contexto escolar, visto que “cada sujeito é único e responde de forma única as oportunidades pedagógicas” (p. 274).

ESTRATÉGIAS DO DESENHO UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Ao compreender que o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) é uma abordagem curricular diferente da abordagem tradicional que estamos acostumados a ver nas escolas, não é uma flexibilização curricular somente para o aluno com necessidades educacionais especiais (NEE), bem como não é um empobrecimento do currículo, deixando-o mais “fácil” e “simples”, entendemos que os professores devem repensar a forma em que se deve apresentar os conteúdos e as formas de mensurar o conhecimento adquirido. As formas de se planejar esta nova forma de ensinar são diversas e mudam de turma para turma, de aluno para aluno. Devido a isto, cabe dizer que não se pretende, neste trabalho, trazer uma receita de bolo que traz o passo a passo de um planejamento que segue os princípios do DUA, mas sim apresentar estratégias presentes na literatura que demonstram um caminho a ser seguido para a inclusão escolar de todos os alunos, seguindo os princípios do desenho universal para aprendizagem.

Qualquer planejamento, seguindo ou não os princípios inclusivos do DUA, deve ser elaborado levando em consideração os alunos, seus conhecimentos prévios, bem como a maneira em que os estudantes se relacionam com o processo de ensino/aprendizagem, seus comportamentos frente a ação de aprender, seu contexto socioeconômico e também seus interesses. Para iniciar esta investigação das diversas formas de aprender dos alunos, uma estratégia simples pode ajudar: perguntar aos alunos suas preferências. Não há ninguém que se conhece melhor, do que o próprio indivíduo, então, perguntar e pedir sugestões aos estudantes de como se pode otimizar o ensino, para que consigam compreender melhor e ter um acesso mais eficaz aos conteúdos é primordial. Para os alunos com necessidades educacionais especiais, que demonstram outras especificidades mais complexas que provem da deficiência ou dificuldade de aprendizagem, é necessário ter um planejamento educacional individualizado (PEI) que aborda todas as questões referentes ao aluno, como os conhecimentos prévios, os



objetivos de aprendizagem, melhores metodologias e recursos para este estudante e também outras adaptações necessárias para sua participação nas aulas (ZERBATO; MENDES, 2015). O PEI, por ser um documento que é elaborado colaborativamente, traz grande auxílio na elaboração do plano de ensino da professora da sala de aula comum, pois profissionais que tem conhecimentos específicos sobre as deficiências podem trazer contribuições eficazes e pontuais que a formação da professora pode não ter abordado (PLETSCH; SOUZA; ORLEANS, 2017). Vale ressaltar que o PEI e as entrevistas com os demais alunos serão um guia que o professor utilizará para planejar uma aula que atenda a todos, observando as necessidades da turma para ter um acesso pleno ao currículo.

O PEI é uma estratégia de ensino focada no aluno com deficiência que é elaborado a partir da série, idade, grau de desenvolvimento, estado atual de habilidades, conhecimentos prévios, pensando em objetivos a curto, médio e longo prazos (GLAT; VIANNA; REDIG, 2012). Neste planejamento deve constar os objetivos de ensino e de aprendizagem, as metodologias, as estratégias de ensino, a avaliação, o tempo para alcançar cada objetivo e quais espaços de aprendizagem serão utilizados. O PEI é um recurso pedagógico que é construído pensando individualmente no aluno com deficiência, mas que leva em consideração, para a sua elaboração, os conteúdos gerais da turma, então ele não deve “empobrecer” os conteúdos, mas sim adaptar as formas de acesso ao currículo para o aluno para o qual está sendo elaborado. Como o PEI guia o plano de aula do professor do professor (COSTA; SCHMIDT, 2019), ele será essencial para auxiliar o professor a pensar em estratégias de ensino que contemple todos os alunos.

Após a professora saber quais habilidades os alunos apresentam e as formas como aprendem, pode utilizar-se de inúmeras estratégias para desenvolver sua aula. Ortasi (2013) traz em seu artigo variadas formas de se planejar o ensino com os princípios do DUA, levando em consideração as características, peculiaridades e habilidades dos alunos, conforme mostra o quadro a seguir:

Tabela 1: Múltiplas formas de aprender de acordo com as habilidades.

Habilidades	Característica	Sugestões
Verbal, linguística	O aluno tem mais facilidade e melhor compreensão com a utilização de palavras, linguagem verbal e escrita.	Utilizar, tanto para ensinar, quanto para avaliar o conhecimento adquirido: histórias, piadas, discursos, leituras, redações, livros, revistas, internet.



Lógica, matemática	O aluno é bom com lógica, números, sequências e padrões.	Utilizar, tanto para ensinar, quanto para avaliar o conhecimento adquirido: labirintos, quebra-cabeças, jogos, tabelas, códigos, probabilidade, charadas.
Espacial	O aluno tem habilidade de visualização mental de imagens, objetos e cenas, criação de mapas mentais.	Utilizar, tanto para ensinar, quanto para avaliar o conhecimento adquirido: mosaicos, desenhos, ilustrações, mapas, maquetes, vídeos.
Corporal	O aluno aprende de forma sinestésica, ou seja, com movimentos corporais.	Utilizar, tanto para ensinar, quanto para avaliar o conhecimento adquirido: encenações, experiências, expressões, passeios, vivências, jogos.
Musical	O aluno é estimulado com ritmos, sequências de sons, melodias, tons.	Utilizar, tanto para ensinar, quanto para avaliar o conhecimento adquirido: apresentações artísticas, paródias, leitura em coral.
Interpessoal	O aluno aprende na interação com os colegas e professores.	Utilizar, tanto para ensinar, quanto para avaliar o conhecimento adquirido: tarefas em duplas e grupos, debates, entrevistas, observações, estudos de caso.
Intrapessoal	O aluno aprende de forma mais individual e introspectiva.	Utilizar, tanto para ensinar, quanto para avaliar o conhecimento adquirido: diários, anedotários, textos reflexivos, autoavaliação.

Adaptado e complementado de Ortasi (2013).

A tabela apresentada anteriormente exemplifica e explica as várias habilidades que os alunos podem apresentar e que serão de grande importância para facilitar e estimular o processo de ensino/aprendizagem. Percebe-se que pode-se estimular diversas habilidades em um mesmo conteúdo.

Cabe ressaltar que alunos com deficiências, muitas vezes, necessitam de outras formas de participação, adaptações na forma de ensinar o conteúdo e de avaliar a aprendizagem, bem como recursos e metodologias diferenciadas. Devido a isto, reforça-se a importância de um PEI para alunos com NEE para auxiliar no processo de inclusão, de ensino aprendizagem e também para instrumentalizar os professores sobre os recursos, metodologias e adaptações necessárias para estes alunos. Neste sentido, segundo Zerbato e Mendes (2018), a elaboração e utilização do PEI pode beneficiar a implementação do DUA, pois necessita do trabalho colaborativo entre professor da sala de aula regular, professor do atendimento educacional especializado e outros profissionais para ser elaborado, e com isto constroem práticas escolares acessíveis a todos.

Ao pensarmos sobre as matérias escolares e como podemos transformar os conteúdos acessíveis a todos os alunos, muitas estratégias emergem do conhecimento que temos a respeito



das formas de aprender, ou seja, das múltiplas inteligências (BESSA, 2008) e de como estimular as habilidades de cada aluno. Pensando nisso, Causton-Theoharis (2009), elaborou uma tabela explicativa com as diferentes matérias escolares e as possíveis modificações no seu modo de ensinar que podem ser utilizadas para incluir todos os alunos, seguindo os princípios do DUA. A tabela 2 seguir, baseada em Causton-Theoharis (2009) e Orsati (2013), que foi adaptada e complementada pelas autoras do presente trabalho, traz alguns exemplos de modificações na maneira de ensinar as diversas disciplinas escolares.

Tabela 2: Diversas formas de ensinar as disciplinas escolares.

Disciplina	Estratégias baseadas nos princípios do DUA.	Exemplos/explicações
Língua Portuguesa	Ouvir audiolivros;	Utilizar-se de imagens durante o áudio pode fazer com que o aluno compreenda mais facilmente o texto.
	Ler com um colega;	Buscar por duplas ou grupos em que os alunos estejam em diferentes níveis de fluência na leitura, para que um estimule o outro.
	Seguir o texto com uma régua, janela de leitura ou maior espaçamento;	Facilita para o aluno não se perder durante a leitura.
	Numerar as linhas do texto;	Facilita na hora de exercícios de localização de palavras ou interpretação, pois pode ajudar o aluno a se localizar no texto. Exemplo de atividade: Quais são os personagens do texto apresentados entre as linhas 9 e 13?
	Ler no computador;	Auxilia quem necessita de uma fonte maior na letra, não necessitando de muitas folhas impressas.
	Utilizar fones de ouvido durante a leitura;	Este recurso isola moderadamente os ruídos do ambiente, sendo benéfico para alunos que se dispersam facilmente.
	Antecipar o conteúdo do texto antes de iniciar a leitura;	Esta estratégia de autorregulação da leitura faz com que os alunos já saibam sobre o que se trata o texto, assim compreendendo-o melhor.
	Utilizar de um passo-a-passo para a criação do texto;	Outra estratégia de autorregulação da aprendizagem, que auxilia o aluno a se organizar na hora de escrever um texto. O aluno é estimulado a pensar e sintetizar os elementos constituintes de um tipo de texto, antes de escrevê-lo.
	Utilizar de outras formas para o aluno apresentar o texto criado;	Desenho das etapas do texto, exposição oral, música, encenação, etc.
	Utilizar de outras formas do aluno apresentar o que entendeu do texto;	Desenho sintetizando o que o texto aborda, exposição oral, música, encenação, mapas mentais, mapas conceituais, etc.
	Utilizar de diferentes recursos para a solução das operações matemáticas;	Pode utilizar material concreto, material tátil-sensorial, calculadora, ábaco, etc.
	Relacionar o número com a quantidade;	Pode-se utilizar de números táteis, no qual a quantidade está representada no próprio número de forma tátil e visual. Pode-se utilizar da quantidade



Raciocínio Lógico-matemático		concreta (que o aluno pode manusear), para realizar as atividades;
	Utilizar-se de problemas e utilização da matemática presentes no dia a dia da criança;	Utilizar situações cotidianas, os alunos conseguem fazer uma relação do que estão aprendendo com o que vivenciam, sabendo, assim, onde se utiliza os conceitos que aprendem.
	Sempre que possível pedir para que o aluno explique de forma oral ou escrita como solucionou o problema;	Assim pode-se saber quais os caminhos e recursos mentais os alunos estão utilizando para chegar ao resultado, podendo intervir ou estimular de forma mais eficiente e que melhor atenda a necessidade do aluno.
	Utilizar recursos visuais;	Ter tabelas de números, tabelas das unidades, dezenas e centenas, pistas visuais de como realizar as operações etc.,
	Trabalhar com classificação, pareamento e padrões.	Este tipo de atividade estimula o raciocínio e pode auxiliar no ensino de outros conteúdos, de forma interdisciplinar.
Ciências	Utilizar experiências;	Demonstração de como os conteúdos que estão aprendendo ocorrem, de preferência com os alunos desenvolvendo-as.
	Explicação de forma visual;	Utilizar figuras que demonstrem as explicações do texto.
	Relacionar os conteúdos com as vivências dos alunos.	Diversos conteúdos, das diferentes matérias podem ser relacionados com as vivências dos alunos. Utilizá-los para exemplificar o conteúdo é uma ótima forma de engajar o aluno na aprendizagem. Por termos alunos diferentes na sala de aula, é importante que todos tragam sua contribuição.
	Dividir o conteúdo.	Para que o aluno consiga compreender de forma global o conteúdo, é importante que se inicie pelo conceito mais fácil, exemplifique, experiencie e retome, para depois ir avançando com os conceitos.
	Modelagem.	O professor demonstra o que quer que os alunos realizem, para depois solicitar que o façam.
Estudos sociais	Textos mais resumidos.	Trabalhar com textos que foquem no principal do conteúdo, para que seja de fácil compreensão.
	Utilizar encenação para trabalhar fatos importantes.	O exercício de elaborar um teatro faz com que os alunos reflitam sobre o que se está aprendendo e também vivência ajuda a compreender e a internalizar os conceitos.
	Formas visuais.	Maquetes, desenhos, filmes, etc.
	Relacionar o que estão aprendendo com o que vivenciam.	Relacionar o que o passado impactou no presente, utilizar de fotos antigas e atuais do mesmo cenário, entrevistas com pessoas mais antigas, etc. Isto torna o ensino de fatos históricos, melhor compreendido, visto que as crianças conseguem fazer relações com os acontecimentos do presente.
	Diversos recursos de busca de informação.	Revistas, jornais, websites, músicas, mapas, etc.
	Utilizar de atividades de vida diária para estimular a motricidade fina;	Pendurar objetos com prendedores de roupa para estimular o movimento de pinça, dobrar tecidos, amarrar sapatos, martelar cascas de ovo ou peças de encaixe, lavar objetos com esponja, equilibrar



Educação Física/ Brincadeira guiada		objetos como pratos e talheres, pentear o cabelo, etc.
	Circuitos;	Arrastar, pular, subir, descer.
	Exercício para o tônus muscular;	Deitar de barriga para baixo e levantar o pescoço e pernas, arremesso de bola deitado ou sentado, chutar, brincar de pedalar com o colega, carrinho de mão, cabo de guerra
	Estimular o freio inibitório;	Brincadeira de estátua, stop, dança da cadeira, etc.
	Ritmo.	Dança, tocar instrumentos, cantar, etc.

Baseada em Causton-Theoharis (2009) e Orsati (2013).

Percebe-se, na tabela anterior que há várias possibilidades de modificar a forma como se apresenta os conteúdos das matérias escolares, que podem ser utilizados juntos. Segundo Prais e Rosa (2016), planejar diferentes estratégias e recursos para apresentar o conteúdo para as diversas formas de aprendizagem melhora o acesso ao conteúdo e assegura a aprendizagem de todos os alunos; reconhecer as várias formas de expressão dos conteúdos aprendidos pelos alunos promove a participação, o engajamento e o interesse na realização das atividades propostas, bem como torna a sala de aula um lugar equitativo, visto que compreende que todos tem suas particularidades e especificidades.

As duas tabelas de estratégias apresentadas demonstrar formas de tornar a equidade presente na sala de aula, e com isso os princípios do Desenho Universal para aprendizagem. Para Tenório, Ferraz e Pinto (2015) a qualidade da inclusão escolar depende de fatores como equidade e eficácia, pois a ação de ensinar de diversas formas o mesmo conteúdo respeita os alunos em suas peculiaridades e desenvolve em todos as habilidades e competências esperadas para o nível de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que para a inclusão escolar de fato acontecer deve-se primar pela equidade de ensino, na qual se planeja diversas formas de ensinar o mesmo conteúdo para que os diversos alunos aprendam. A equidade leva em consideração as especificidades dos alunos, suas capacidades, limitações e habilidades. Pensando nesse conceito, foi desenvolvido o Desenho Universal para a aprendizagem, que é uma “abordagem curricular” (NUNES; MADUREIRA, p. 140, 2015) que resulta de uma série de modificações aplicadas às formas tradicionais em que o currículo é apresentado, para que todos os alunos sejam estimulados a aprender de acordo com as suas necessidades. “O DUA significa, dessa maneira, uma mudança na forma de pensar a prática educacional em algumas formas básicas, com a flexibilização da maneira como a



informação é apresentada, na maneira como os estudantes respondem ou expressam conhecimentos e habilidades e como os discentes estão engajados” (RICARDO; SAÇO; FERREIRA, p. 1528, 2017).

Tendo o Desenho universal para a aprendizagem como uma forma de apresentar o currículo que propicia a diminuição das barreiras no processo de ensino/aprendizagem e que mantém expectativas de apropriação do conhecimento de diversas maneiras, mostra-se necessário apresentar ideias de modificações na forma como a apresentação do conteúdo pode ser feita pelo professor para que todos os alunos participem da aula de forma ativa, que tenham suas habilidades, especificidades e interesses estimulados e que o conhecimento se torne prazeroso a todos. Com isto, o presente trabalho apresentou uma síntese de estratégias e modificações que os professores podem realizar no planejamento das aulas para que atendam as diretrizes do DUA.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. A. (2008). Colóquio. **Revista Inclusão**, 4 (1), 18 – 32.

BESSA, V. H. **Teorias da Aprendizagem**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008.

BOCK, G.L.K; GESSER, M.; NUERNBERG, A.H. Desenho Universal para a aprendizagem: a produção Científica no período de 2011 a 2016. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v.24, n.1, p.143-160, Jan.-Mar., 2018

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica / Secretaria de Educação Especial – MEC; SEESP, 2001.**

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. *Inclusão*, v. 4,n. 1, p. 7-17, 2008.

COSTA, D. S.; SCHMIDT, C. Plano Educacional Individualizado para Estudantes com Autismo: revisão conceitual. **Cadernos de Educação**, n. 61, jan-jun. 2019.

FREITAS, S. N. (2008). Colóquio. **Revista Inclusão**, 4 (1), 18 - 32.

GLAT, Rosana; PLETSCHE, Márcia D.; FONTES, Rejane de S. Educação inclusiva & educação especial: propostas que se complementam no contexto da escola aberta à diversidade. **Educação**, Santa Maria, v. 32, n. 2, p. 343-356, 2007.

GLAT, R.; VIANNA, M. M.; REDIG, A. G. Plano Educacional Individualizado: uma estratégia a ser construída no processo de formação docente. **Ciências Humanas e Sociais em Revista**, p. 79-100, v. 34, n. 12. 2012

NUNES, C.; MADUREIRA, I. Desenho Universal para a Aprendizagem: Construindo práticas pedagógicas inclusivas, **Da Investigação às Práticas**, 5(2), 126 – 143, 2015.

ORSATI, F.T. Acomodações, modificações e práticas efetivas para a sala de aula inclusiva. **Temas sobre Desenvolvimento**, 2013.

PLETSCH, Márcia Denise; SOUZA, Flávia Faissal; ORLEANS, Luis Fernando. A diferenciação curricular e o desenho universal na aprendizagem como princípios para a inclusão escolar. **Revista educação e cultura contemporânea**, vol. 14, no 35, 2017.

PRAIS, Jacqueline L. S.; ROSA, Vanderley F. Princípios do desenho universal para a aprendizagem: planejamento de atividades pedagógicas para inclusão. **Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde da UNIOESTE** – Campus Foz do Iguaçu, v. 18, nº 2, 2016.

REDIG, A. G.; MASCARO, C. A. A. C.; DUTRA, F. B. S. A formação continuada do professor para a inclusão e o plano educacional individualizado: uma estratégia formativa? **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, v.4, n. 1, p. 33-44, 2017 - Edição Especial

RICARDO, D. C.; SAÇO, L. F.; FERREIRA, E. L. O desenho universal na educação: novos olhares diante da inclusão do ser deficiente. **RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 12, n. esp. 2, p. 1524-1538, ago./2017.

SANTOS, S. H. C. P.; RIBEIRO, S. D.; RODRIGUES, L. M. L.; RODRIGUES, D. Equidade e educação: práticas docentes – estudo de caso. **Journal of Research in Special Educational Needs**. V. 16 Nº s1 2016.

TANNÚS-VALADÃO, G.; MENDES, E. G. Inclusão escolar e o planejamento educacional individualizado: estudo comparativo sobre práticas de planejamento em diferentes países. **Revista Brasileira de Educação** v. 23, e230076, p. 1-18, 2018.

TENÓRIO, Robinson M.; FERRAZ, Maria do C. G.; PINTO, Jucinara C. A. Eficácia e equidade: indicadores de qualidade da educação básica no Brasil. Projeto Equidade no Ensino Superior. **Faculdade de Educação** – FACED, 2015.

VITALIANO, Célia R.; PRAIS, Jacqueline L. S; SANTOS; Katiane, P. Desenho Universal para a Aprendizagem aplicado à promoção da educação inclusiva: uma revisão sistemática. **Ensino Em Revista** | Uberlândia, MG | v.26 | n.3 | p.805-827 | set./dez./2019 | ISSN: 1983-1730

ZERBATO, Ana Paula; MENDES, Enicéia Gonçalves. Desenho universal para a aprendizagem como estratégia de inclusão escolar. **Educação Unisinos**, 22(2):147-155, abril-junho 2018.